http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-que-se-pode-aprender-com-as-florestas-sobre-comunicacao-camila-ramos/

**O que se pode aprender com as florestas sobre comunicação?**

*O fotolivro Floresta²*, *organizado por Susana Dias e Alessandra Penha, reúne florestas que se proliferaram* em *e* entre *uma mata urbana, uma casa de cultura de matriz africana, um laboratório de pesquisas agrícolas, uma sala de aula e uma praça e dá a pensar nas potencialidades da relação entre humanos e não-humanos, entre imagens e palavras, entre artes, ciências e filosofias.*

Por | Camila Ramos

Onde buscamos a floresta em nós? E se uma floresta fosse uma questão de estar junto? Qual a potência das ciências? O que se abre quando damos atenção aos gestos e materiais? Essas perguntas, escritas em tecido, acompanham os 100 fragmentos quadrados de fotografias e textos que compõem o fotolivro *Floresta²*. O livro vem dentro de uma caixa quadrada, contém ainda uma moldura quadrada vazada e um manto bordado com impressões botânicas, feito por Mariana Vilela e Alice Copetti. O livro foi lançado no primeiro dia do evento "Segundas com as florestas", no dia 24 de agosto de 2020, dedicado ao tema "Mulheres e Ancestralidades".

O livro, de maneira inventiva, conta a história e registra as atividades da disciplina Arte, Ciência e Tecnologia, do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, oferecida por Susana Dias no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), durante o segundo semestre de 2019. A disciplina contou com vários convidados e propôs aos participantes pensar a comunicação em parceira com as florestas.

Dentre as atividades propostas na disciplina esteve a visita à Mata Santa Genebra, onde os alunos puderam aprender a técnica das parcelas (também conhecida como técnica dos quadrados) de coleta de amostras biológicas para análise do ecossistema, ensinada pela bióloga Alessandra Penha, da Universidade de Federal de São Carlos (UFSCar) de Araras. Os participantes da disciplina visitaram também a Casa de Cultura Fazenda Roseira, o Laboratório de Pesquisas Agrícolas da Embrapa e Unicamp, e, também, puderam participar de diversas oficinas realizadas na Praça da Paz da Unicamp e na sala de aula do Labjor.

"A ideia do livro era criar um estar-viver-junto entre as florestas que encontramos nesses lugares e entre as florestas que proliferaram nesses encontros. Isso porque a minha proposta era aprendermos a comunicar em parceria com a floresta, e uma floresta nos ensina que comunicar é inventar uma maneira de estar-viver-junto, um modo de conviver, colaborar, cooperar, de gerar coexistências, cocriações e coevoluções complexas", conta Susana Dias.

"Os Yanomami usam o termo *urihi* para se referirem tanto à vegetação da floresta quanto à terra que a sustenta. É também o nome de seu território - 'a floresta dos seres humanos' (*yanomae thë pë urihipë*) - e do mundo 'a grande floresta-terra' (*urihi a pree*)"

**FIG. 08** - FITOTIPIA | "NIÑA, CUZCO, PERU", SARA MELO, 2009. TEXTO | BRUCE ALBERT, *THE RAIN TREE*, 2019.

**Do quadrado...**

A ideia do livro surgiu a partir do conceito do quadrado, ainda na primeira atividade em campo, no momento em que a Alessandra ensinou aos participantes a fazer a amostragem biológica a partir de quadrados de madeira lançados no chão da floresta. "Nós desejávamos pensar as imagens, e os textos articulados às imagens, na perspectiva dos encontros que os alunos tiveram durante a disciplina na Mata Santa Genebra. Explorando também a ideia de escalas espaciais e a prerrogativa de que florestas possuem a capacidade intrínseca de se expandirem física e metaforicamente, devido à sua elevada riqueza de espécies, da enorme diversidade de funções ecológicas que os organismos estabelecem entre si em uma floresta", explica Alessandra Penha.

Para trazer essa analogia, a diagramação editorial do livro conta com diversos elementos do quadrado, mas, não se limita a essa forma geométrica. "As formas geométricas tornaram-se personagens do livro. A técnica das parcelas é conhecida como técnica dos quadrados, mas também é feita com círculos e retângulos. A fotografia é tradicionalmente retangular, embora tenhamos hoje o Instagram que traz o formato quadrado. O quadrado remete às modelagens matemáticas realizadas pelos pesquisadores que trabalham com as mudanças climáticas. O círculo apareceu como um grande símbolo para a comunidade Jongo Dito Ribeiro, que cuida e administra a Fazenda Roseira, sendo uma maneira de viver junto, de dançar junto, com interações dinâmicas e respeitosas", conta Susana.

O estereótipo do quadrado, geralmente sinônimo de careta, conservador, grosseiro, dá lugar a outras compreensões. “A gente preferiu não fazer uma crítica senso comum ao quadrado e, ao mesmo tempo, acolhê-lo como problema. Entre as questões que podemos pensar está a do fragmento. Como lidar com os fragmentos já que não podemos dar conta de tudo? Como o fragmento (de fotografia, de texto) pode ter potência nele mesmo?”, explica Susana.

"E se nos abrirmos à ideia de que comunicar é um chamado à tarefa de perceber-fazer floresta por outros modos de existência: fotográficos, fílmicos, performáticos, de escrita, desenho...?"

**FIG. 24** - LOCAL | MATA SANTA GENEBRA. FOTO E MONTAGEM | RAFAEL GHIRALDELLI REÚNE MARÍLIA COSTA, SERRAPILHEIRA DA MATA E QUADRADO USADO EM AULA DE CAMPO. TEXTO | SUSANA DIAS, PRODUZIDO PARA ESTE LIVRO, 2019.

"... a intuição se constitui como um vai e vem entre ser e pensar, entre matéria e espírito, ensaiando uma consciência que aparece como afirmação da vida mesma enquanto causa imanente superabundante"

**FIG. 81** - LOCAL | MATA SANTA GENEBRA E PRAÇA DA PAZ, UNICAMP. FOTO E MONTAGEM | ALESSANDRA PENHA. OFICINAS | "ECOPERFORMANCE: DANÇAR A PARTIR DOS ESTADOS DA MATÉRIA" DE RODRIGO REIS, "FITOTIPIA E HERBÁRIOS POÉTICOS" DE SARA MELO, "OIKOSPOÉTICA" DE CAROLINA BERNARDES E "FLORESTAR-SE" DE ALDA ROMAGUERA. TEXTO | JOSÉ EZCURDIA, *INTUICIÓN Y DIFERENCIA EN EL PENSAMIENTO DE GILLES DELEUZE*, 2016.

Portanto, as imagens do livro carregam elementos geométricos que se quebram, se misturam e formam outros conceitos. O fragmento também é encontrado nos textos que vêm ao lado das imagens (na versão e-book, na versão livro-objeto os textos vêm atrás das imagens). Os textos, contou Susana em entrevista, foram difíceis de serem definidos, pois deveriam ser trechos que não gerassem julgamentos, hierarquias, exclusões. Precisavam dialogar com as imagens de modos múltiplos e abertos. "Vários textos nós colocamos e depois percebemos que não geravam bons encontros, não faziam floresta. Não tinham a potência de uma folha ou um galho que caiu no chão e que tem toda a disponibilidade para a vida que vier. Alguns textos ressoavam muito normativos, críticos demais. Então podamos esses e escolhemos aqueles que sentimos que pudessem ter uma força igual a uma flor, uma folha, um galho", conta Susana.

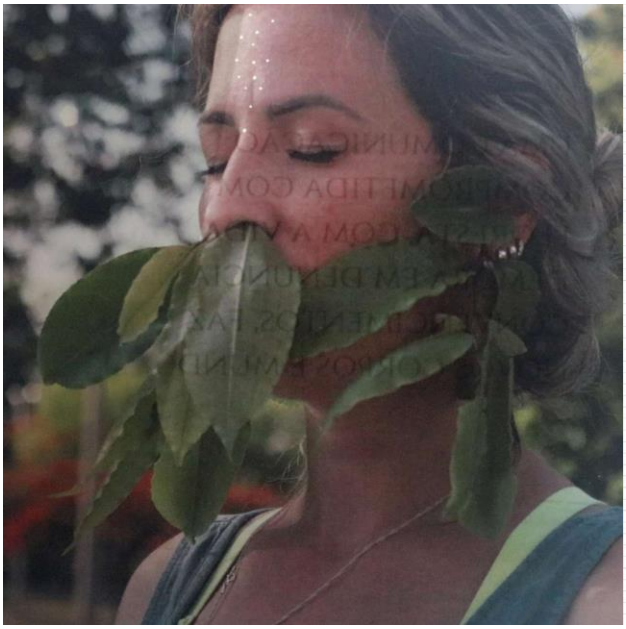
**… À floresta**

Contendo 100 frases e fotos - das quais mostram imagens de pessoas impressas em folhas ou vegetação brotando de todas as partes do corpo de uma pessoa -, o livro traz a reflexão sobre a reconexão entre o ser humano, a sociedade e as florestas. Ou seja, "o olhar-floresta, o sentir-floresta, o agir-floresta, o expandir-floresta, em diferentes escalas e configurações (florestas de humanos, de afetos, florestas nas cidades) são convites potentes para pensar possibilidades de vida e sensações que evoquem a resistência diante as várias crises que nos afetam", comenta Alessandra.

Além disso, outro objetivo das organizadoras é comunicar o que é feito em cada um dos lugares que compõe o livro. Comunicar a Comunidade Jongo Dito Ribeiro na Fazendo Roseira, que, em sua trilha, associa elementos da natureza aos Orixás. Comunicar a ciência feita pelos pesquisadores da Embrapa envolvidos no projeto do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Mudanças Climáticas (INCTMC-2 fase). Comunicar o trabalho dos biólogos que atuam na proteção ambiental feita na Mata Santa Genebra. Comunicar, também, as potências das práticas de artistas e pesquisadores que participaram de oficinas na disciplina. Aprender a comunicar coletivamente e, ao mesmo tempo, ensinar a comunicar, que é a finalidade do curso de mestrado no Labjor.

"Uma árvore frondosa, com uma copa de 20 metros de diâmetro, transpira mais de 1.000 litros em um único dia"

**FIG. 43** - LOCAL | PRAÇA DA PAZ. FOTO | ANDRÉ FERNANDES E SUSANA DIAS. TEXTO | ANTONIO NOBRE, *O QUE SÃO OS 'RIOS VOADORES' QUE DISTRIBUEM ÁGUA DA AMAZÔNIA?*, 2017.



"Uma comunicação comprometida com a floresta, com a vida, não se demora em denúncias e convencimentos, faz existir novos corpos e mundos"

**FIG. 93** - LOCAL | PRAÇA DA PAZ, UNICAMP. FOTO | TATIANA OLIVEIRA FOTOGRAFA ALICE COPETTI. OFICINA | "ECOLOGIA DE DEVIRES" DE SUSANA DIAS. TEXTO | SUSANA DIAS, PRODUZIDO PARA ESTE LIVRO, 2019.

"Aprendemos nessa disciplina que comunicar é fazer floresta e fazer floresta não é ficar repetindo a mesma coisa, não é se satisfazer em manter as coisas estagnadas, assim, num conjunto de significações que já estão colocadas. Fazer floresta é inventar relações potentes, é respeitar as relações potentes que já existem, é conseguir criar um ecossistema ali… É pensar que escrever é criar um ecossistema, em que as coisas convivem umas com as outras", conclui Susana.

Além de uma versão física e uma versão em e-book, o livro conta também, por ser um projeto em expansão, com uma versão no Instagram que pode ser acessada em: @florestaaoquadrado

Bolsista Mídia Ciência Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014.